

## **A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR/ARTISTA FRANKLIN CASCAES: NOTAS DE UMA PESQUISA.**

Denise Araujo Meira<sup>1</sup>

### **1. O Professor/Artista Pesquisado: Justificando A Escolha.**

Em primeiro lugar, cabe dizer que, como em boa parte dos casos, o tema central de reflexão desta pesquisa é muito anterior ao meu ingresso no Doutorado e tem relação direta com a minha trajetória como professora do Instituto Federal de Santa Catarina (IF/SC), como aluna do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Curso Mestrado da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Conheci Franklin Cascaes em 1982, no Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral. Guardo uma imagem: a de um homem triste e melancólico. Essa imagem nunca me abandonou.

Em 1988 comecei a trabalhar na antiga Escola Técnica Federal de Santa Catarina, na mesma instituição onde o professor Franklin Cascaes havia lecionado, por quase 30 anos. Nas conversas com servidores que conviveram com Franklin uma questão fazia-se sempre presente: o não reconhecimento do trabalho do Professor/artista por parte da Instituição. Em 2002, com a implantação do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes do Instituto Federal de Santa Catarina, houve um questionamento, especialmente, de Oswaldino Algemiro Hoffmann sobre quando a história do Professor Franklin seria contada.

A proximidade do Centenário de nascimento de Franklin Cascaes (outubro de 2008) levou-me a estruturar o projeto de mestrado, defendido em fevereiro de 2009, “Rompendo Silêncios: a trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941-1970)”. Nas minhas primeiras reflexões sobre o tema uma questão me inquietava: Se ao narrar sua vida Franklin esquece ou silencia o professor, como um arrombador profissional<sup>2</sup>, posso invadir a vida de uma pessoa e revelar experiências que

---

1 Professora do Instituto Federal de Santa Catarina. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

2 Expressão utilizada por Janet Malcom para definir o trabalho do biógrafo, “que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias e dinheiro e finalmente foge”. Malcom, Janet. *A Mulher Calada*: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1975, p 16.

ele não quis revelar? O dilema me acompanhou por todo o processo de escrita e de defesa da dissertação.

Buscando vestígios da trajetória do professor na Escola Industrial de Florianópolis percebi que no período posterior a sua aposentadoria, Franklin procurou no “pequeno mundo” dos antigos alunos da Escola Industrial, apoio para que o conjunto da sua obra pudesse ser guardado. Em entrevista a Raimundo Caruso, declara:

“O meu trabalho todo eu vou doar para a Universidade. Não é propriamente porque eu tenho um cargo, não é? Mas, acontece o seguinte: nós temos muito parentes, mas não é questão de deixar, simplesmente. É de ser dividido e depois subdividido, então vai perder todo o valor de conjunto. Então, quando eu comecei a fazer estes trabalhos pensei em reuni-los um dia em uma casa, num museu, num lugar qualquer que pudesse servir a comunidade, de modo geral, e não para ser propriamente de um e de outro. Por isso eu não vendi nada, para ser colocado numa sala trancada, para ser propriedade de um e de outro, e que não se pode visitar. Por isso eu acho interessante que estejam num lugar acessível a todas as pessoas, de qualquer espécie de cultura, ou até de línguas, porque o meu trabalho fala várias línguas”<sup>3</sup>

Em junho de 1981, o Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina tornou-se responsável pela guarda do acervo que foi incorporado ao patrimônio da Universidade Federal de Santa Catarina. A Coleção Elisabeth Pavan Cascaes é uma obra de caráter etnográfico, reunindo trabalhos realizados ao longo de trinta anos, somando cerca de 2700 peças. Além do registro em esculturas, desenhos e manuscritos sobre as distintas manifestações culturais de origem açoriana encontradas na Ilha de Santa Catarina, fazem parte também alguns cadernos (manuscritos pelo autor), desenhos sobre papel, material audiovisual, instrumentos de trabalho elaborados pelo artista, bem como trabalhos de alunos, diários de classe, objetos e documentos pessoais.

Hoje percebo que a Coleção Elisabeth Pavan Cascaes é fruto de um desejo do Professor/artista de arquivar a própria vida, como diria Philippe Artères. Franklin doa em

---

3 CASCAES, Franklin. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 43.

vida os manuscritos, as escritas do cotidiano escolar, como se os mesmos fossem parte integrante da obra. O arquivamento não é uma prática neutra e ao selecionar o que deveria ser arquivado, Franklin nos diz como ele se vê e como ele desejaria ser visto, ou seja, que ele desejaria ser visto também como Professor. Se Franklin autorizou o arquivamento em função de um leitor, que nas palavras do Professor/artista são “todas as pessoas, de qualquer espécie de cultura, ou até de línguas”, esse processo assume uma função pública. O dilema parece ter sido resolvido. Como pesquisadora sinto-me autorizada a escrever sobre a vida do professor.

Ao apresentar e justificar a relevância que acredito ter a temática desta pesquisa, do ponto de vista acadêmico, não poderia deixar de explicitar que o tema proposto carrega certa singularidade. Partindo do pressuposto que ao tratar de Franklin, os seus biógrafos dissociam o artista do professor, elegi a trajetória do professor/artista Franklin Cascaes como objeto de análise, sobretudo porque ela possibilitaria uma trajetória praticamente inexplorada nos trabalhos acadêmicos, sobretudo do ponto de vista de um professor/artista que não teve uma formação escolar tradicional. Trata-se de eleger um homem de certa forma marginal, outsider, se levados em consideração os cânones da academia catarinense. Reinaldo Lindolfo Lohn afirma que por ocasião do Primeiro Congresso de História Catarinense (1948), Franklin já desenvolvia um trabalho de pesquisas nas comunidades pesqueiras da Ilha. Destaca que o mesmo não foi convidado a participar do congresso “por não ser considerado um estudioso acadêmico que estivesse desenvolvendo um saber subordinado aos rigores da ciência”.<sup>4</sup>

Como professora de História do Instituto Federal de Santa Catarina sinto-me incomodada com a pouca produção sobre a história da instituição. Considerando as pesquisas sobre a história da instituição observamos que são bastante raras. Investigando as primeiras produções, percebi a presença da Resenha Histórica da Escola de Aprendizes e Artífices (1922), produzida por João Cândido da Silva Muricy. Produzidos nos anos 80, os trabalhos de Guimarães (1987), Tomaselli (1987) e Büendgens (1986) têm as marcas do seu tempo: a história de uma instituição escolar centrada nos personagens/ eventos políticos com forte destaque para os registros oficiais. Não posso deixar de registrar a contribuição do professor Alcides Vieira de

---

<sup>4</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutor) – Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002, p. 163.

Almeida (2002) e mais recentemente o trabalho de Cintra (2004) sobre o processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968) e a minha dissertação de mestrado já anteriormente citada.

Para Elias só é possível pensar em identidade considerando as redes de interdependência que os indivíduos estabelecem nas configurações às quais pertencem. Uma configuração é uma formação social, cujas dimensões podem ser muito variáveis (uma Escola, a sala de aula, a Universidade, a família, os artistas da cidade), em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas. Nesta perspectiva, o modelo teórico aqui proposto percebe o indivíduo – aqui um professor/artista do século XX – por seus laços de interdependência com outros personagens sociais da época. Ou seja, possibilita visitar aspectos da história da Educação Tecnológica de Santa Catarina a partir da história de um professor e da cadeia de interdependências que o liga aos outros homens (professores, alunos, direção, artistas, amigos, esposa/professora).

Ainda sobre a relevância do projeto, me aproprio do pensamento de Marc Block, nos anos 40, de que não há prática de saber que seja a priori desprovida dos seus encantos, dos seus méritos.

## **2. Apresentação da problemática.**

Em outubro de 1908, na praia de Itaguaçu, hoje pertencente ao município de Florianópolis, de “família de gente de bem”<sup>5</sup>, nasceu o filho de Serafim Cascaes e Maria Catarina Cascaes que recebeu o nome de Franklin Cascaes. Nome este, que como assegura Pierre Bourdieu (2006) assegura aos “indivíduos designados, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, a constância nominal, a identidade (...) que a ordem social demanda”. O nome é o exemplo de como a existência pessoal está vinculada ao social. É essa identidade social a pedra fundamental de toda a biografia.

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Franklin Cascaes quando se referia ao fato de que a sua família possuía muitas terras na localidade de Bom Abrigo. CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes – Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2 ed. Florianópolis: UFSC. 1989, p.20.

Situada na parte continental da cidade, Itaguaçu possuía algumas poucas casas, com alguns engenhos de farinha e de açúcar. O Ilhéu, no entanto, assistia o crescimento da população, o processo de modernização da cidade, impulsionado pelas reformas urbanísticas. Florianópolis, assim como outras capitais brasileiras, nas primeiras décadas do século 20 queria fazer-se moderna e elegante, inclusive com modificação de hábitos.

Na esteira do processo de remodelação e do saneamento do traçado urbano, foi inaugurada em setembro de 1910, a Escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina<sup>6</sup>, em “edifício confortável e higiênico”<sup>7</sup> com o objetivo de atender “aos jovens desprotegidos de fortuna e de sorte” que ali teriam a oportunidade de um “proveitoso futuro”. Em meados da década de 30, Franklin frequentou o Curso Noturno do Liceu Industrial de Florianópolis como aluno ouvinte. Trabalha como auxiliar de mestre, contramestre, na oficina de modelagem. No dia 01 de outubro de 1941, o então aluno passa a condição de professor de desenho, dando início a uma carreira que iria durar até 27 de novembro de 1970 quando se aposenta.

A relação entre a memória e a história do professor da Escola Industrial pode ser compreendida quando, na véspera do seu centenário de nascimento, o Jornal “Diário Catarinense” (2007) ao traçar a sua biografia silencia a sua atuação como docente. O próprio Franklin, em entrevista concedida a Raimundo Caruso, ao narrar sua vida também esquece ou silencia o seu trabalho como professor de Desenho da Escola Industrial de Florianópolis.

Em 1977, Adalice Maria de Araújo, na tese intitulada “Mito e Magia na Arte Catarinense” define Franklin como o Mito Vivo da Ilha. A autora descreve como um homem que concentra características como abnegação, ternura e que na sua trajetória de

---

6 O Instituto Federal de Santa Catarina (IF/SC) vivenciou várias modificações na sua trajetória como escola profissionalizante. A "Escola de Aprendizes Artífices" foi criada através do decreto n.º 7.566, de 23/09/1909. Em 1937, passou a denominar-se "Liceu Industrial de Florianópolis" e depois em 1942, transformou-se em "Escola Industrial de Florianópolis". Em agosto de 1965 a escola recebeu a denominação de "Escola Industrial Federal de Santa Catarina", e em 1968 passou a denominar-se "Escola Técnica Federal de Santa Catarina". Em 2002, foi criado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. Durante a sua atuação como docente, o professor Cascaes vivenciou três momentos de mudança na trajetória da instituição que ainda hoje é conhecida pelos moradores mais antigos da cidade como “a Industrial”. Disponível em <http://www.ifsc.edu.br>. Acesso em 30 de março de 2009.

7 Expressão utilizada pelo Jornal “O Dia”, de 02 de setembro de 1902, para descrever a escola recém inaugurada.

pesquisador e artista, lutou durante trinta anos para salvar a tradição mágica catarinense. Podemos afirmar que “Mito e Magia na Arte Catarinense” foi à obra fundadora do Mito.

Em 1996, Heloisa Espada, com o objetivo de realizar um ensaio sobre o processo de criação do artista, se concentra na análise de uma “única família de desenhos”: os boitatás. Na obra “Na cauda do Boitatá-Estudo do processo de criação nos desenhos de Franklin Cascaes”, a autora enfatiza o significado da obra do artista chamando atenção para a “posição que tomava contra as mudanças culturais a sua própria revolta contra a destruição das belezas naturais da Ilha de Santa Catarina”<sup>8</sup>. Percebe, nos fragmentos autobiográficos e na obra, o homem “dotado da missão de “salvar” a natureza, a cultura popular, as tradições e o respeito pelos bens religiosos”.<sup>9</sup>

Em 2002, Reinaldo Lindolfo Lohn na tese “Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis”, sem ter a pretensão de biografar Franklin Cascaes, efetua uma análise das projeções e dos horizontes de expectativas em relação ao futuro encontrados na década de 1950 e 1960. No capítulo intitulado “Cascaes e o tempo”, o pesquisador vai além da imagem que singulariza Franklin como artista, como “coletor e preservador das manifestações populares da Ilha de Santa Catarina e arredores.”<sup>10</sup> O Franklin de Reinaldo Lindolfo Lohn aparece não como um artista preocupado apenas com o passado, mas como um artista que na “busca de um passado perdido, pensou o futuro, a fim de recolher e guardar “para posteridade” as histórias de vida que estavam desaparecendo”<sup>11</sup>. Como artista interagiu com as relações de poder existentes na cidade e tomava atitudes diante das estratégias de desenvolvimento econômico que estavam sendo implantadas.

Nos textos autobiográficos e nas entrevistas, a narrativa de Franklin é muito mais orientada para a sua vida pública, como artista e folclorista, do que para a sua vida privada. Institui o ano de 1946 como marco inaugural da sua missão: “aparelho registrador que transporta de geração em geração, a realidade biológica, cultural e

---

8 ESPADA, Heloisa. Na cauda do boitatá: um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis. Editoras Letras. Contemporâneas. 1997, p.16.

9 Idem P.16.

10 LOHN, Reinaldo Lindolfo. Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutor) – Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2002, p.168. P. 169

11 Idem p. 177

técnica dos povos”<sup>12</sup>. Ele reforça a imagem construída por Adalice Maria de Araújo em torno do seu próprio personagem, atribuindo-lhe uma missão social: registrar, a partir do contato com os moradores nativos da Ilha de Santa Catarina, o seu passado, as suas tradições açorianas. Assim, como os seus biógrafos, Franklin silencia a sua atuação de três décadas como professor da Escola Industrial.

Em 2009, na dissertação “Rompendo Silêncios: A Trajetória do Professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941- 1970)” afirmo que produzi novas lacunas, novos silêncios. Nos acervos documentais pesquisados percebi que os mesmos não constituem partes que se encaixam perfeitamente para formar um todo harmonioso. Assim, tem-se, entre muitos outros, o professor que nos relatos dos alunos, privilegia o desenho á mão livre em detrimento do desenho com régua e compassos, que permite que o aluno desenhe uma mulher na parede durante várias aulas e que envia bilhetes em papel de embrulho para o Diretor da Escola em uma época marcada pela censura e pela repressão; o professor “depressivo” na ficha funcional da Escola Industrial do final dos anos 60; o artista que não cansa de denunciar os descasos com relação à ocupação da Ilha de Santa Catarina nos versos dos desenhos; o professor/artista que, apesar do intenso trabalho de recolhimento de materiais e depoimentos, expressando em suas obras as impressões recolhidas nas pesquisas, não era aceito como pesquisador pelo meio acadêmico; o sujeito amoroso que nas narrativas autobiográficas reconhece a importância da esposa Elisabeth Pavan Cascaes.

Inspirada na análise de Elias sobre Mozart percebo que mesmo que Franklin Cascaes tenha sido reconhecido pelo seu talento como desenhista, escultor, escritor, folclorista, isso não significa que se visse reconhecido como tal. A depressão e a angústia, tão presentes nos seus escritos no final dos anos 60 e na década de 70, estavam vinculados a um conflito que também era social. A ambivalência entre a identificação de Franklin com a cidade, com a Escola e a humilhação sofrida por ele ser um “homem sem diploma”, perpassava seu interior refletindo uma conjuntura social.

Assim a pesquisa proposta pretende responder a seguinte questão: Como Franklin Cascaes realizou o seu “processo civilizador” pessoal?<sup>13</sup> Por outro lado,

---

12 CASCAES, Franklin, Anotações, 1972. Coleção Elizabete Pavan Cascaes. Museu Universitário. Universidade Federal de Santa Catarina.

13 Para Norbert Elias (1993) os processos civilizadores são séries de atos de racionalização, ligados à formação do Estado Nacional (numa perspectiva eurocêntrica) e a complexificação, na longa duração,

pensando na Escola, na Universidade, na Igreja, na família, como essas instituições lidaram com a figura incômoda de um indivíduo que – possuidor de características especiais e talento - ameaçou transpor as barreiras que limitam a ação de um homem comum na sociedade?

### 3. Alguns pressupostos metodológicos e fontes.

Optou-se por enfatizar, na investigação proposta, o “processo civilizador” de Franklin em diferentes tempos e em diferentes instituições: na Escola Industrial de Florianópolis nos anos 50 e 60; na Universidade Federal de Santa Catarina no período posterior a aposentadoria; na Família nos anos 40, 50 e 60; nos Espaços de Memória no pós- morte. Tal escolha implica em priorizar um ângulo de observação da vida do personagem: aquele que focaliza o seu processo pacificador de condutas e de afetos, observando como as instituições lidaram com esse sujeito dotado de um talento artístico singular, posto em relação de dependência e inferioridade, por sua condição de professor e artista “não diplomado”.

A opção por esse enfoque – o de uma biografia de um professor/ artista que emerge do tecido social – não é diferente da representação que Franklin faz de sua vida como professor e artista. Nas suas palavras, a professor “é um miserável”<sup>14</sup>. E sobre o artista, afirma:

É como lhe falei: o artista é pobre. Não dá pra viver de arte. (...) Ou, como dizem em certas repartições: malandros. (...) Uma pessoa uma vez me contou: quando alguns artistas vão as repartições buscar algum recurso, o pessoal lá dentro comenta: os malandros já estão aí. Aqui artista é visto como malandro. A política é uma madame bruxa manhosa, é uma bruxa.”<sup>15</sup>

---

às variadas redes em que se inscrevem as sociedades e seus efeitos nos corpos, comportamentos e sentimentos dos indivíduos Para ele, mesmo o que se pensa ser mais íntimo e pessoal se desenvolveu no decurso social. O termo aqui utilizado, para tratar do indivíduo Franklin Cascaes, leva em consideração que a compreensão de muitos aspectos do comportamento e das ações dos indivíduos se dá pelo entendimento das configurações as quais eles fazem parte. Inspiro-me aqui no trabalho de Elias (1995) sobre Mozart.

14 Expressão utilizada por Franklin Cascaes em entrevista concedida a Raimundo Caruso, posteriormente publicada no livro Franklin Cascaes- Vida e Arte-E a Colonização Açoriana organizado pelo entrevistador, em 1981. CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UfSC, 1989, p. 20.

15 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte-

A lei social a que se submete não é sua; Franklin padece da mesma inadequação que afeta e professores numa instituição como a Escola Industrial do final dos anos 60, que condena aos professores não portadores de títulos há uma posição de inferioridade e que também afeta aos artistas, tidos “como malandros”. Em outro momento afirma :

“Viver nesse ambiente, onde não se tem que pagar impostos (...) Agora, quando abro esta porta, já recebo recados, o imposto de renda, a conta da luz, do gás, do aluguel, que está faltando carne, que está faltando feijão. Aqui nesse quarto não tem nada disso. A feijoada da bruxa não gasta nada.”<sup>16</sup>

É nessa dialética civilizadora que surge a arte como possibilidade de “fuga para um mundo de sonho” (Elias, 2001, p.257). Tais observações ajudam a legitimar a perspectiva analítica escolhida, evidenciando sua adequação ao objeto investigado.

Norteadada por esta perspectiva de análise, a pesquisa tem objetivo discutir a (uma) trajetória do professor/artista Franklin Cascaes, tomando como referência a economia dos afetos que marcou o processo civilizador ocidental. Nesse sentido o conceito de trajetória permite pensar a respeito dos laços entre a vida afetiva e a vida social, entre a liberdade criadora do professor/artista e as exigências sociais.

Sendo assim a pesquisa proposta pretende:

- i. Aproximar idéia de saudade e solidão sugerida pelo professor/artista na sua obra e nos manuscritos e a relação do envelhecer e morrer analisada por Norbert Elias. Inicialment-e, apresento algumas reflexões sobre a saudade relacionando-os aos conflitos entre a defesa da tradição e a modernidade em meados do século XX na Ilha de Santa Catarina e no segundo momento, evoco a trajetória do professor na Escola Industrial de Florianópolis objetivando aproximar a idéia de saudade e solidão presente nos escritos do período posterior a sua aposentadoria.
- ii. Articular os elementos da vida (casamento e amizade) e da obra (do professor/artista), ressaltando como foram construídos laços entre o sujeito

---

E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 23.

16 CASCAES, Franklin. Método de Trabalho. In: CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte- E a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1989, p. 27.

amoroso e o professor/artista, como ocorreram alianças e clivagens do campo afetivo/ intelectual/artístico.

- iii. Investigar a estrutura e a dinâmica da Escola industrial de Florianópolis e da Universidade Federal de Santa Catarina , na década de 60, tomando como base os elementos da lógica de prestígio (distinção) que tornam Franklin um “outsider”.
- iv. A década de 60 há uma maior valorização dos cursos técnicos industriais, que correspondiam ao segundo ciclo do ensino médio. Franklin Cascaes é o professor que na sala de aula continua privilegiando o desenho artístico em detrimento do desenho geométrico. Aqui fica um questionamento: em que medida, o gosto pelo “desenho artístico” em detrimento do “desenho geométrico”, nesses “novos tempos”, contribuiu para indispor o professor com a direção da escola? Para tanto, comparo a prática docente dos professores de desenho da Escola Industrial de Santa Catarina buscando perceber as diferenças e similitudes com a prática do professor Franklin.
- v. Problematicar de que forma foi possível a guarda da obra do professor/artista, em 1981, pelo Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral (UFSC), bem como a criação de outros “lugares de memória”, investigando as estratégias utilizadas para enquadrar o professor/artista e instituir a sua importância como artista catarinense.

Trata-se de uma trajetória apreendida a partir de um campo empírico específico, principalmente a partir do acervo que compõe a coleção Elizabeth Pavan Cascaes do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina. Os manuscritos produzidos por Franklin “compõem-se de 124 cadernos escolares pequenos, 22 cadernos grandes e 476 manuscritos em folhas avulsas e/ou agrupadas numa quantidade máxima de 15 páginas, escritos à caneta esferográfica, caneta tinteiro e grafite”.<sup>17</sup> Entre os fragmentos autobiográficos que fazem parte do acervo, estão pequenos relatos presentes nos versos dos desenhos e passagens de entrevistas que nos fornecem vestígios da trajetória do professor/artista em diferentes espaços e tempos.

---

17 Dados extraídos do Dossiê Educativo da Exposição Franklin Cascaes Desenhos e Esculturas, disponível em: <http://cascaes-desenhos-e-esculturas.exatosegundo.com.br/dossie-da-exposicao>. Acessado em outubro de 2010.

Se o historiador é capaz de fazer flecha com qualquer madeira (Julia, 2001:17), no entanto, é importante contar com um pouco de sorte. A preservação de exercícios, provas escolares, diários de classe, entre outros, pode aumentar a compreensão das práticas escolares. De acordo com Diana Gonçalves Vidal (2005, p.16), tais objetos tomados em sua materialidade, não apenas favorecem a percepção dos conteúdos ensinados, mas, sobretudo provocam o entendimento do conjunto de fazeres ativado no interior da escola. Afirma também que esses objetos culturais, necessários ao funcionamento da aula, quando observados na sua regularidade, trazem as marcas da modelação das práticas escolares.

Um novo e atento olhar nesse conjunto de materiais oferece pistas e indícios muito significativos da sua trajetória e da sua prática enquanto docente. O uso de fontes analisadas a partir da especificidade da linguagem que utilizam e tendo em conta as condições de produção documental, podem aumentar a compreensão desses fazeres e nos mostrar indícios singulares do interior da escola.

O acervo de documentos da antiga Escola Industrial de Florianópolis, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina espelha, primeiramente, o descaso com que as instituições educacionais lidam com sua própria história. Está guardado numa pequena e estreita sala, com pouca ventilação, que é uma espécie de depósito de “coisas velhas”, parafraseando Marilena de Camargo. Percebidos, como diria Pierre Nora (1993), como lugares de memória, guardam a memória de um tempo e de um espaço. Na discussão da problemática dos *lugares de memória*, o autor afirma que os mesmos são simultaneamente lugares materiais, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais, porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa identidade se expressa e se revela. Depositados neste lugar insalubre, as fotografias e a ata do concurso de ingresso do professor, foram requisitadas e estão hoje sob a guarda do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes (LIO).

No Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos do IFSC, tive contato com a pasta funcional do professor Franklin. Formada por correspondências oficiais enviadas da instituição para o professor e do professor para a instituição, como ofícios, portarias, termos de posse e outros, tal conjunto de documentos nos fornece

vestígios significativos da sua trajetória profissional na Escola Industrial de Florianópolis.

Além dos documentos escritos, analisaremos os relatos dos alunos do professor Franklin. Tais entrevistas compõem o acervo do Laboratório de Imagem e Oralidade Franklin Cascaes e foram obtidas mediante a utilização do método da história oral, método este adequado para a reconstrução das memórias individuais que contribuem para a compreensão de questões coletivas. O que se pretende é que as lembranças dos narradores ajudem a tecer tanto a trajetória quanto a sua experiência docente. As entrevistas transcritas, textualizadas e devidamente autorizadas compõem o acervo de documentação oral do referido laboratório.

Assim a análise da documentação se dará no diálogo com alguns conceitos e categorias. Os referenciais teóricos que nortearão a abordagem a ser feita às fontes documentais são elementos fundamentais para a composição das características da narrativa a ser elaborada. O biográfico, cuja análise é de importância considerada central para este trabalho, aparece como uma tentativa de compreensão de uma problemática – como as tensões sociais se operam em trajetórias individuais, como a do Professor/artista Franklin Cascaes.

A pesquisa se situa desse modo, nas fronteiras entre o biográfico, a história da educação e os trabalhos sobre a história da cultura. Estudos realizados no campo da sociologia, aqueles que, mais especificamente, se debruçam sobre o controle de si, da moderação, do autogoverno, também nortearão teórica e metodologicamente a investigação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 560p.

BOURDIEU, Pierre (Org. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. V. 1  
**Mozart – Sociologia de um Gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

**Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto Histórico**. In: Revista Brasileira de História da Educação. Número 1. Campinas/ SP: Autores Associados, 2001, p.9-43.

MEIRA, Denise Araujo. **Rompendo silêncios: A trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941-1970)**. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2009.

NORA, P. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Projeto História: Programa de Pós Graduação de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Cultura e Práticas Escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares**. In: SOUZA, Rosa Fátima e Vera Teresa Valdemarin (orgs.). **A Cultura Escolar em debate – Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. P. 3 a 30.